

“O veneno da heresia deve ser queimado”: o antiprotetantismo católico na imprensa pernambucana (1895-1910)

The virus of heresy must be burned: catholic anti-protestantism in the press of state of Pernambuco (1895-1910)

*César Leandro Santos Gomes**

Resumo

O antiprotetantismo pode ser compreendido como o ataque institucional de agentes católicos direcionado as religiões reformadas. A observação dessa prática revela a dinâmica do campo religioso de uma determinada sociedade. Desde a segunda metade do século XIX verificam-se o início das atividades missionárias norte-americanas no território brasileiro. Nos jornais pernambucanos da época podem ser encontrada referências dos trabalhos de diferentes denominações protestantes em diversas localidades. Em contrapartida, a igreja católica, que também sofria um processo de reorganização institucional, passou a elaborar meios de combater o avanço do protestantismo, estratégia que foi ampliada após a instalação do regime republicano. Um caso notório durante esse período foram as polêmicas religiosas travadas entre Frei Celestino di Pedavoli e os missionários protestantes na imprensa de Pernambuco. O texto em questão tem como objetivo trazer as reflexões preliminares de um estudo com a pretensão de analisar os embates entre católicos e protestantes na região nordeste do Brasil. Esses conflitos são entendidos como disputas pelo espaço religioso e marcados pela mobilização e articulação com grupos sociais dominantes.

Palavras-chave: Conflitos religiosos. Imprensa. História do nordeste.

Abstract

The Anti-Protestantism can be understood as the institutional attack of Catholic agents against the reformed religions. The study of this practice reveals the dynamics of the religious field of a given society. Since the second half of the 19th century the North American missionary activities has started in brazilian territory. In the Pernambuco newspapers of the time can be find references to the works of different Protestant denominations in different locations. In contrast, the Catholic Church, which was also undergoing a process of institutional reorganization, began to devise ways to combat the advance of Protestantism, a strategy expanded after the installation of the Republic. A notable case during this period was the religious polemics between Frei Celestino di Pedavoli and the Protestant missionaries in the Pernambuco press. This work aims to bring the preliminary reflections of a study with the intention of analyzing the clashes between Catholics and Protestants in the north east region of Brazil. These conflicts are understood as disputes for the religious space, marked by the mobilization and articulation with social groups.

Keywords: Religious conflicts. Press. History of the northeast.

* Mestre em História pela Universidade Federal de Alagoas e pesquisador do Laboratório Interdisciplinar de Estudos da Religião (LIER/UFAL), coordenado pela profa. Dra. Irinéia Maria Franco dos Santos. Atuando nas linhas de pesquisa: Religiões, Cultura e Identidade e Religiões, Estado e Relações de Poder. E-mail: cesarl.gomes@hotmail.com.

Introdução

O texto a seguir traz reflexões preliminares e possui a finalidade de analisar o antiprotestantismo católico na imprensa pernambucana, entre os anos de 1895 a 1910. A escolha do corte temporal relaciona-se ao período de adequação do Regime Republicano, instalado em 15 de novembro de 1889. Um dos resultados da implementação do novo sistema político foi o decreto 119-A, de 7 de janeiro de 1890, responsável por extinguir o Padroado Régio, ou seja, separou juridicamente a Igreja Católica do Estado. Outra consequência da nova legislação republicana foi a difusão da ideia de liberdade religiosa.

A nova realidade imposta pelo regime republicano possibilitou o fortalecimento do processo de expansão do Protestantismo no Brasil, iniciado na segunda metade do século XIX. Em contrapartida, também acirrou as disputas no campo religioso¹ entre os grupos protestantes e católicos. Segundo Lyndon de Araújo Santos (2004, p. 103), “a República proporcionou uma mudança nas aproximações entre Igreja Católica e o Estado, abrindo caminho para o protestantismo conquistar o seu espaço na sociedade brasileira”. Ou seja, a conjuntura assinala uma transformação da dinâmica religiosa, marcada de um lado por disputas pelos espaços sociais, e do outro, nas aproximações com os grupos dominantes.

Para entender a atuação e os posicionamentos da Igreja Católica nesse período é necessário observar a sua autocompreensão, ou seja, as visões de mundo que vão nortear as suas práticas sociais e seus preceitos religiosos. A autocompreensão católica “é fruto da dialética entre a conjuntura externa e interna ao qual a instituição está inserida” (HAUCK, 2008, p. 13). Essa característica aproxima-se da noção de representação proposta por Roger Chartier (1991), associada a maneira com o indivíduo ou grupos sociais compreendem a sua realidade e buscam justificar a ordem social.

O conceito de representação explicaria a forma como a Igreja Católica pensa e age, ou seja, sua *práxis* social. Assim, permitindo a percepção de estratégias² com o objetivo de manter a predominância religiosa. Entre as quais, destaca-se o combate a diferentes expressões religiosas e filosóficas, minoritárias durante o Império e que passaram ganhar visibilidade ao ser inaugurada a República. O protestantismo era compreendido pela Igreja Católica como a raiz dos males da modernidade. Para o pensamento católico, a ruptura causada por Martino Lutero, no

C. L. S. Gomes – “O veneno da heresia deve ser queimado”: o antiprotestantismo católico na imprensa pernambucana (1895-1910)

século XVI, perturbara a ordem social, e teve como resultado o surgimento do liberalismo e da secularização (Azzi, 1992, p. 139; Gomes, 2012, p. 34). Dessa maneira, constituindo-se o *embrião* daquilo que Instituição Católica passou a denominar como os *males da modernidade*.

Logo, o que se define como antiprotestantismo corresponde a uma prática de ataques sistemáticos às religiões reformadas. Tais ações não se restringiam à violência física, mas poderiam manifestar-se na forma de violências simbólicas. Pierre Bourdieu compreende a violência simbólica como “a ação de impor a legitimidade de processos de submissão e dominação de uma categoria social a outra” (2004, p.106). Características dessas formas de agressões são os discursos desqualificantes ao protestantismo e a destruição de símbolos a ele associados.

Como prática institucional esse elemento pode ser compreendido como o resultado da tentativa da Igreja Católica em barrar dissidências que iam de contra a sua ortodoxia. Traços desse antiprotestantismo podem ser observados no combate de diferentes formas movimentos religiosos vistos como heterodoxos. Rossana Brito e Fábio Py de Almeida (2014) destacam que o período de colonização do Brasil reproduziu as disputas europeias entre católicos e protestantes, ao longo dos séculos XVI e XVII.

Essa conjuntura assinalam a presença de Huguenotes (calvinistas franceses), e protestantes neerlandeses e por consequência destaca a mobilização da instituição católica para frear a *invasão herética*. O Tribunal do Santo Ofício, fruto da Contrarreforma, possuía arcabouços ideológicos que sustentavam as ações e os discursos desqualificantes aos adeptos das religiões reformadas. Contribuindo a formação da categoria de *heresia luterana*, ao agrupar diferentes ramos do Protestantismo como um único movimento (Brito; Almeida, 2014, p. 1080). Após 1822, momento de extinção do Tribunal do Santo Ofício em Portugal, pode ser encontrado a continuidade desse ataque institucional durante o momento de inserção do protestantismo de missão.

Em Pernambuco desde a segunda metade do século XIX, observa-se na imprensa relatos de práticas associadas ao antiprotestantismo católico: ataques a templos protestantes, agressões a missionários, debates sobre a legalização do casamento civil e dos direitos políticos dos grupos acatólicos, são algumas das noti-

C. L. S. Gomes – “O veneno da heresia deve ser queimado”: o antiprotestantismo católico na imprensa pernambucana (1895-1910)

cias encontradas sobre os credos reformados (Gomes, 2020). As mudanças legislativas no regime republicano acirraram os conflitos religiosos, tendo como ápice os embates entre católicos e protestantes durante o primeiro decênio do século XX, como a criação da Liga contra o Protestantismo (1902) e com a realização da Queima de Bíblias (1903).

Em ambas situações se observa a participação dos Capuchinhos do Convento de Nossa Senhora da Penha, entre eles o Frei Celestino di Pedavoli. Conhecido tanto pela sua erudição, quanto por sua agressividade. O Frade Celestino passou a ser um dos principais agentes de difusão do antiprotestantismo em Pernambuco. Os posicionamentos do clero católico em relação ao protestantismo podem ser compreendidos como uma reação institucional à formação eclesiástica nos moldes do ultramontanismo.

Nesse período verifica-se também a consolidação da imprensa brasileira como instrumento de viabilização das tensões nos campos políticos, sociais e religiosos. Transformando-se numa ferramenta ligada à vida cotidiana e marcada pela manipulação de interesses e intervenção social (Capelato, 1988, p. 20-21). Sendo assim, os jornais e a literatura protestante, serão utilizados como fontes históricas, auxiliados pelo método da *Análise de Conteúdo*, definido como “o conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (Bardin, 2011, p. 38). Tal metodologia possibilitará a separação dos relatos extraídos dos periódicos em temas específicos, facilitando a observação crítica da documentação.

O texto encontra-se dividido em três partes: na primeira, será apresentado a breve trajetória de Frei Celestino di Pedavoli, destacando o período que atuou na Província do Maranhão e sua chegada a Pernambuco. Em seguida, observará o debate na imprensa entre Frei Celestino e o reverendo presbiteriano George Butler, em 1895. Por fim, analisará a criação da Liga contra o protestantismo e a Queima de Bíblias protestantes no pátio da Igreja da Penha, em 1903.

Um agente ultramontano no Brasil: Frei Celestino di Pedavoli

Nascido em 3 de maio de 1841, com o nome de batismo de Paschoal, era filho de Giuseppe Ellias Faraone e Elisabetha Scutella³. O menino Paschoal iniciou sua vida eclesiástica cedo. Tinha 10 anos de idade quando recebeu as primeiras

ordens e aos 15 entrou no noviciado. Em 28 de dezembro de 1856, recebeu o hábito na Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, na cidade de *Stilo*, na Itália, adotando o nome de Frei Celestino di Pedavoli⁴, provavelmente uma referência a cidade de Davoli, na Calábria, região ao sul da Itália. Foi em 1864 ordenado presbítero, dando continuidade aos seus estudos na província monástica de *Reggio e Catanzaro*, se dedicando as humanidades, filosofia e teologia, se aperfeiçoando no Colégio Geral do convento de Bolonha, da Itália, até 1868.⁵

Três anos depois, em 1871, desembarca no Rio de Janeiro, aonde ficou sobre os cuidados do Frei Caetano de Messina⁶, no Convento de São Sebastião do Morro do Castelo, para logo depois ser encaminhado à Província do Maranhão.⁷ Em São Luís, trabalhou junto aos seus irmãos de ordem no Convento de Nossa Senhora do Carmo, exercendo a função de vice-prefeito dos missionários capuchinhos e diretor dos índios durante quatro anos. Também foi responsável pela capela do hospício de São Thiago-maior. Já nessa época Frei Celestino era conhecido por duas características: a agressividade e a sua defesa a religião católica. Por meio do jornal *O Domingo*, de 9 de novembro de 1873, encontra-se uma breve descrição da postura de Frei Celestino durante a pregação de seus sermões:

Pregou na noite de 3 do corrente mês [novembro] no cemitério, por ocasião da procissão em comemoração do dia de finados, o missionário capuchinho Frei Celestino.

Não sabemos porque, havendo pregadores que falam o português, vão procurar quem agora começa a aprendê-lo.

Frei Celestino poderá ser um bom pregador em Roma, mas não aqui; si é que, em Roma, os pregadores gesticulam e dão gritos no púlpito, como os que ouvimos na noite do dia 3.

Frei Celestino não serve para a tribuna sagrada; começando agora a balbuciar a nossa língua, os seus sermões compõem-se de cinco ou seis períodos com que massa o auditório nas suas fastuosas repetições.

Não pomos dúvida na ilustração do referido missionário, porém pedimos-lhe que, enquanto não se ache mais traquelado[sic] na língua, não suba ao púlpito, por que a massa mais ignorante do povo não o compreende e a outra ri-se do atropelo que faz a língua e das fogueiras do inferno e grelhas de Satanás - instrumentos de que sempre fala S.S. e em que funda principalmente a moção de seus efeitos oratórios.⁸

Pelo relato do periódico observa-se que o autor do texto não desconsidera o grau de erudição do frade capuchinho, outra das principais marcas de sua trajetória sacerdotal. Contudo, o redator faz duras críticas aos seus excessos durante as celebrações e sermões nas missas. Outro indício extraído no *O Domingo* é a referência a falta de apreço do frade com funções burocráticas, revelando uma postura mais de missionário, não como líder da Ordem religiosa na Província. Em 1874, o mesmo periódico volta a criticar Frei Celestino, dessa vez o motivo são os seus posicionamentos apologéticos:

A questão religiosa assoma cada vez mais feia. A nuvem que toldava [sic] a transparência do céu, principalmente de três províncias: Rio, Pernambuco e Pará, desnovelando-se, dilata-se e parece querer envolver todo o império.

Nos nossos horizontes aparece já um ponto negro que ameaça a derrota do nosso barco com uma tempestade medonha. Cuidado homem do Lemel!...

Desculpem-nos nossos leitores si, temperamos estas linhas, a quis de artigo fundo, com alguns saibos[sic] humorísticos. Sabemos: O caso é sério e muito sério! A nossa província que fugia de entrar na luta[?] travada entre o governo e os bispos brasileiros, é impelida agora a tomar parte nela. E, notai, a provocação parte deles, dos jesuítas; tão insensatos são que, sem consciência da sua fraqueza atiram-nos a luva arrogantemente.

Frei Celestino, C.C. T. G., convidam-nos a uma batalha; aquele com arrogância serve-se do púlpito para assacar a nossa pacífica população, atacando os seus órgãos legítimos, insultos a sua dignidade; C.C. com o estilo bonito e ortodoxo, negando a autoridade do governo, na questão vigente, exalta o jesuitismo e glorifica os recalcitrantes Frei Vital e D. Antônio; T.G.... nem vale a pena dizer que quer este sr. Mas nada disto é tão sério como os acontecimentos de Caxias.

O sr. Padre Brito, abriu guerra a maçonaria daquela cidade e feias cenas já deram por um tão ultramontano vigário!

Ainda bem que uma tremenda lição de ser dada pelo governo ao prelado pernambucano.

Não é o bastante, mas é alguma coisa para pôr de sobreaviso aos sectários dessa seita tremenda que mina os alicerces da dignidade nacional.

Dissemos que não é o bastante, e a assim é, porque a prisão do bispo D. Vital está-lhe sendo, talvez, mais confortável do que os paços do palácio episcopal.⁹

O trecho do *O Domingo* sugere uma reação dos órgãos de imprensa local ao episódio protagonizado alguns dias antes, em 11 de janeiro de 1874, por Frei Celestino, apelidado como o *Frade barbadinho*, durante as comemorações da Festa do Menino Jesus, em um sermão realizado na Igreja de Santa’Anna. Segundo os relatos¹⁰, Frei Celestino utilizou da prédica para atacar a imprensa liberal e maçônica da Província do Maranhão. Tal ação foi resultado dos debates dos órgãos jornalísticos locais sobre a Questão Religiosa, o conflito entre a administração imperial e os bispos de D. Vital Gonçalves, de Pernambuco, e D. Antônio Macedo, do Pará. O capuchinho utilizou de termos pejorativos como: “esses gazeteiros, e raquíticos articulistas, mais ignorantes que ímpios, obreiros da iniquidade”.¹¹ O clima de mal-estar criado ocasionou a publicação de artigos no *Jornal do Maranhão* exigindo a expulsão do frade da província.¹²

Não se tem noção de quanto tempo persistiu o clima de hostilidade entre a imprensa liberal maranhense e Frei Celestino. No entanto, a ocorrência torna-se pertinente, como uma forma de verificar a presença de conflitos envolvendo a agentes da instituição católica e a maçonaria ao longo das décadas de 1860 a 1870. Este momento é considerado o período marcado pela expansão do Ultramontanismo, pensamento católico que defendia entre outras pautas a centralização do corpo eclesiástico católico em torno das diretrizes da Cúria Romana, representadas pelo Papa (Santirocchi, 2015, p. 164).

O Ultramontanismo pode ser considerado uma política de europeização do clero brasileiro. A vinda de ordens religiosas, como capuchinhos, jesuítas e franciscanos, tinham como papel difundir e aplicar uma Reforma Ultramontana no Brasil (Serbin, 2008, p. 50). Destacam-se o uso das Santas Missões, prática comum desde o período colonial, que passou a ter um viés combativo e doutrinador (Hauck, 2008, p. 209). Não é de se estranhar, dessa forma, a defesa de Frei Celestino durante as tensões entre o Episcopado brasileiro e o Governo Imperial, levando em consideração seu alinhamento com o projeto ultramontano. A sua reação também pode ser considerada uma consequência à circulação de discursos anticlericais, ecos dos embates entre a hierarquia católica e a maçonaria.

Todavia, em 1876, o então frade *di Pedavoli* foi transferido para o convento de Nossa Senhora da Penha, Pernambuco, aonde passou a auxiliar Frei Venâncio Maria de Ferrara, o diretor do estabelecimento. Ao fazer uma busca pelos jornais

publicados, ao longo dos anos de 1880 e 1890, encontram-se relatos do frei capuchinho exercendo a função de pregador em solenidades religiosas, como nas festas organizadas pelo Convento da Penha e atuando como missionário nas *Santas Missões*.¹³ Ao contrário do Maranhão, a imprensa não atacava a sua postura agressiva e apologética, porém, destacavam o quanto ilustrado parecia ser o Frei Celestino.

Uma faceta interessante de Frei Celestino era o seu apreço pela polêmica. São famosas na imprensa pernambucana as suas publicações a opositores. Enquanto, no Maranhão o alvo de suas críticas eram os maçons, em Pernambuco ocorre a mudança do *inimigo*. E são os grupos adeptos das religiões reformadas a quem Frei Celestino dirige suas ásperas palavras, contribuindo para a institucionalização de discursos e práticas antiprotestantes.

Porém, cabe aqui mencionar que a utilização da polêmica é considerada uma estratégia discursiva, frequente nos debates políticos e religiosos, com intuito de desqualificar os argumentos de adversários, por meio de debates retóricos (Amossay, 2017). No caso em questão o debate perpassava um caráter doutrinal, ao consistir em duas crenças religiosas disputando a atenção dos leitores dos jornais e o seu espaço no cotidiano social. Dentro da estratégia protestante o uso da polêmica articula-se com o proselitismo, já no catolicismo está associada à defesa da fé católica.

Nas memórias protestantes encontram-se breves referências ao viés polemista de Frei Celestino, considerado um dos principais adversários do protestantismo em Pernambuco. Por exemplo, durante os dias 25 de agosto à 16 de novembro de 1880, foram publicados artigos no *Diário de Pernambuco* contendo perguntas de um suposto neófito da religião protestante a um ministro da Igreja Evangélica. Por meio dessas publicações o autor, até então desconhecido, desafiava um pastor protestante a responder os seus questionamentos. Contudo, não se sabe a qual denominação foram direcionadas tais perguntas provocativas.¹⁴

Coube ao Rev. John Rockwell Smith¹⁵, na época pastor da Igreja Presbiteriana de Pernambuco, responder as três perguntas do tal *neófito*. Após passada a polêmica, o mistério sobre a identidade do tal neófito pendurou por anos. Até que no início do século XX, passou-se a questionar a possibilidade do Frei Celestino ser autor das cartas. Conforme afirma Vicente Themundo Lessa (2019, p. 217):

Por muitos anos, não se soube ao certo quem fosse o autor das perguntas respeitadas. Foram atribuídas ao Dr. Phelippe Nery Colação, professor e autor de obras didáticas, católico praticante. Quando, nos últimos dias do século passado e no começo do atual, se levantou em Pernambuco uma campanha sistemática, da qual resultou a fundação da Liga contra o Protestantismo, frei Celestino foi a alma do movimento. Então o frade da Penha reclamou para si a glória de autoria do livro (Lessa, 2019, p. 217).

Se anteriormente, para debater com as lideranças protestantes, o Frei Celestino usava o pseudônimo do *Neófito Evangélico*, anos mais tarde o frade capuchinho passou a utilizar da imprensa para se posicionar abertamente contra o protestantismo, em específico em dois momentos: (a) em 1895, durante os embates com o pastor presbiteriano George W. Butler¹⁶ nos jornais de Pernambuco; (b) em seguida, já no alvorecer do século XX, por meio de uma campanha de difamação ao missionário Salomon Louis Ginzburg¹⁷. Ambos os casos foram perpetuados nas literaturas históricas protestantes, como notórios episódios de perseguição religiosa (Lessa, 1938, p. 288; Ginsburg, 1970, p. 218).

Com a Proclamação da República, as novas legislações conferiam uma liberdade de crença, permitindo as denominações protestantes a praticarem seus cultos de forma pública e atuarem em suas estratégias proselitistas, privilegio não possível durante o Período Imperial (Pereira, 2008, p. 404). O que acabou levando a uma reordenação do campo religioso e que teve como consequência o acirramento das disputas entre católicos e protestantes. Os anos que se seguem pós 1889 são marcados pela expansão das denominações protestantes, o que passou a incomodar setores da hierarquia católica.

Em paralelo, a Igreja Católica deu início a um processo de reestruturação, conhecido como romanização, que consistia na tentativa de aplicar a política ultramontana, presente no episcopado brasileiro desde a segunda metade do século XIX e, passaram a adotar estratégias visando barrar o avanço de possíveis concorrentes e ameaças a hegemonia do catolicismo na sociedade, entre elas as Sociedades Bíblicas Estrangeiras, entidades patrocinadoras dos trabalhos missionários evangélicos em solo brasileiro.

A conjuntura externa à Igreja, ou seja, a mudança da Monarquia para República, e o contexto institucional religioso, a reorganização do catolicismo, vão determinar os posicionamentos e práticas do corpo eclesiástico católico, entre eles

C. L. S. Gomes – “O veneno da heresia deve ser queimado”: o antiprotestantismo católico na imprensa pernambucana (1895-1910)

Frei Celestino. Pela sua formação sacerdotal e pela postura adotada em outros momentos no Maranhão, como visto anteriormente, é perceptível notar o alinhamento do frade capuchinho com o pensamento ultramontano. A ênfase de um passado católico relacionado a tradição brasileira e a defesa aos dogmas, vão perpassar seus embates com os ministros protestantes.

Debates religiosos na imprensa pernambucana: o embate com o missionário George Butler, Garanhuns/PE (1895)

As edições do *Jornal de Recife* e do *Diário de Pernambuco*, entre os dias 06 de novembro e 08 de dezembro de 1895, apresentam os relatos da ocorrência de um debate público entre Frei Celestino e o pastor presbiteriano George Butler, durante a realização de uma Santa Missão na cidade de Garanhuns. Segundo as informações dos periódicos, as Santas Missões foram realizadas pelos Frei Caetano da Messina Sobrinho, na época prefeito do Convento de Nossa Senhora da Penha, e o Frade Celestino di Pedavoli, no dia 30 de outubro daquele ano.

No mesmo período, o pastor George Butler iniciou na localidade seus trabalhos prosélicos, afim de fundar um templo evangélico. Sabendo desse fato, durante as solenidades religiosas em Garanhuns, Frei Celestino usou seus sermões para provocar as atividades evangélicas na região e teria “convidado o reverendo Butler para uma conferência pessoal, aonde se discutissem os pontos capitais sobre as bases do protestantismo”.¹⁸

As onze horas do dia seguinte, na Igreja Matriz de Santo Antônio, teve início a respectiva conferência. Ao contrário do que se imaginava o evento acabou atraindo a atenção pública, segundo o redator do jornal estavam presentes no auditório o “que há de mais seleta nesta cidade na emenda das letras”. Ou seja, o público presente consistia de intelectuais e demais curiosos, afim de observar o debate entre as duas personalidades religiosas.

O *Diário de Pernambuco*, no dia 06 de novembro, traz uma breve versão do episódio. O texto possui uma narrativa que privilegia as ações de Frei Celestino e menciona que o pastor Butler, durante a sua fala, reprovou determinadas doutrinas católicas, como o culto mariano e a devoção as imagens. Para o autor, tal situação levou a vitória do frei Capuchinho e da Igreja Católica:

Chegando a vez do ilustre predador Frei Celestino, usou este da palavra em momento felicíssimo e com mentalidade vigorosa que lhe é particular, impunha o gládio da verdade e com argumentos robustos, sólidos e convincentes combateu a heresia, atacou o protestantismo em sua base, derrubou esse edifício novo que aqui pretendiam os protestantes construir, demonstrando claramente que a verdadeira "regra da nossa fé não e não pode ser a Bíblia e tão somente a Bíblia", como afirmam e querem os protestante [...]

O ilustre advogado da Imaculada Conceição de Maria, mãe do nosso Redentor e Senhora do Mundo, parecia haurir inspiração da divina sabedoria, ela foi a pujança da sua eloquência, que arrebatou da enorme multidão em peso fragosas salvas de palmas e entusiásticos vivas a Religião Católica, a Maria Imaculada e aos missionários capuchinhos.

Assim deu-se por terminada a discussão.

Foi mais um triunfo da Igreja Romana, pois que baqueou de vez nesta cidade o protestantismo pelo seu fraco fundamento.¹⁹

Alguns dias depois o *Jornal de Recife* publicou uma carta do pastor Butler narrando o caso sob a sua perspectiva. Segundo a missiva do pastor presbiteriano, após aceitar comparecer ao debate proposto pelo Frei Celestino, ficou combinado entre os conferencistas que cada um teria mais ou menos trinta minutos para apresentar os seus argumentos entorno do seguinte tema: *Porque a religião protestante e a católica estão baseadas nas Escrituras Sagradas?*²⁰ Mesmo sendo convidado e a contragosto, reverendo Butler afirma que iniciou o debate, utilizando de uma bíblia católica, aprovada por Dom Manuel Joaquim da Silveira, arcebispo da Bahia (1861 a 1874).

O uso de uma versão católica das Sagradas Escrituras se relaciona a uma tentativa do ministro protestante de comprovar a veracidade dos seus argumentos. Para o clero católico, as Bíblias protestantes são consideradas livros truncados, ou seja, adulterados. Esse discurso possui o objetivo de desqualificar o protestantismo enquanto religião, classificando-o como seita (Cruz, 2014, p. 94). Logo, percebe-se que há uma estratégia por trás do uso da Bíblia Católica durante o debate, uma forma do ministro presbiteriano provar que ambas as versões das Escrituras possuem o mesmo conteúdo.

Durante a sua explanação, Butler abordou cinco questões: (1) que nenhum homem poderia perdoar aos seus semelhantes, uma crítica ao dogma católico da confissão; (2) Fez considerações ao culto das imagens; (3) afirmou que muitas das tradições dos padres são condenadas pela Sagrada Escritura; (4) Que São Pedro

C. L. S. Gomes – “O veneno da heresia deve ser queimado”: o antiprotentantismo católico na imprensa pernambucana (1895-1910)

era falível, porque foi repreendido por São Paulo – condenando, de forma sutil, o dogma da infalibilidade papal e, (5) que Cristo era a única cabeça da Igreja.

Conforme afirma o ministro protestante, o frei capuchinho desdenhou de sua fala e, em seguida, utilizou os trinta minutos que teve direito para criticar a leitura universal da bíblia, cujo “o povo selvagem e ignorante, e especialmente as crianças não podiam compreender as Escrituras”;²¹ reafirmar a autoridade do Papa e a devoção aos cultos marianos, desconsiderando qualquer tentativa de rev. Butler de contra-argumentar. O pastor protestante aproveita o momento, também, para denunciar as perseguições sofridas por ele e sua denominação desde o encerramento da visita dos capuchinhos:

Até a vinda dos frades, que certamente foram convidados pelo vigário, vivíamos em perfeita paz.

Não é o povo culpado, mas o que pregam uma religião de ódio e perseguição. Deixam esses senhores de ensinar para excomungar; cuidam da vida alheia e não da sua.

[...] Ai está a decantada tolerância do catolicismo - convida um homem um debate religioso, e depois duas mil pessoas armadas investem para matá-lo na praça pública ao meio dia. "Hospitalidade" deveras! Conhecemos bem a tolerância da Igreja de Roma. Ai está a história a testificar. Matar, derramar sangue, queimar vivo os que não leem pela sua cartilha, eis a tolerância da Igreja Romana.²²

O relato do pastor Butler permite uma correlação com a noção de ritos de violência apresentado por Natalie Davis, ao verificar que as perseguições aos adeptos do protestantismo estão ligadas as solenidades das Santas Missões, representando, dessa forma, atos organizados e conscientes de violência (Davis, 1990, p. 134). A troca de acusações entre Frei Celestino e o reverendo Butler deram início a uma polêmica aberta na imprensa pernambucana, envolvendo católicos, protestantes e intelectuais. Esses últimos apresentavam um discurso em prol a liberdade de consciência e censuravam a postura do Frei capuchinho.

No dia 24 de novembro de 1895, o *Jornal de Recife* publica um artigo intitulado: *Santa Missão em Garanhuns*. Nele o autor, utilizando o pseudônimo de *Um católico*, elogia Frei Celestino e critica o Rev. Butler, acusando o ministro de ter mentido em seu relato e omitido o fato de que o frei capuchinho solicitou a multidão que não fizesse mal a sua pessoa.²³ Neste ponto fica o questionamento, tanto a respeito da identidade do autor católico, como das informações trazidas pela sua

C. L. S. Gomes – “O veneno da heresia deve ser queimado”: o antiprotetantismo católico na imprensa pernambucana (1895-1910)

carta. Sabe-se que dentro do debate retórico o uso de discursos desqualificantes “são uma estratégia adotada para garantir a vitória sobre um adversário” (Amos-say, 2017, p. 231), uma característica presente no arcabouço católico contra o protestantismo. Outro elemento é o nível intelectual do texto, pela forma como se encontra estruturado e pelas referências mencionadas, o autor talvez fosse um sacerdote, ou ainda, um leigo católico com certo grau de erudição.

Algum tempo após a carta do reverendo Butler, o *Diário de Pernambuco*, entre os dias 6 e 8 de dezembro, publicou extensos textos escritos por Frei Celestino,²⁴ em contraponto as críticas recebidas e desqualificando o protestantismo. E, assim, intensificando o clima de tensão entre os dois grupos²⁵. Contudo, essa não foi a única vez que o Frade Capuchinho se envolveu em embates com as lideranças protestantes. Durante o primeiro decênio do século XX iniciou-se na imprensa pernambucana uma campanha contra as atividades proselitistas do missionário batista Salomon Louis Ginsburg (ou Salomão Ginsburg).

“Entrei na falange sagrada”: a liga antiprotestante em Pernambuco (1902 a 1910)

A virada do século XIX e XX delimita o período de crescimento das missões protestantes em Pernambuco. Novos templos são organizados, trabalhos outrora encerrados são reiniciados, tem um princípio de articulação para a criação de um seminário teológico com intuito de preparar os ministros e pregadores. Há também o aumento da adesão de missionários nacionais, fenômeno que desde o final dos oitocentos vinha paulatinamente crescendo dentro do protestantismo. Em paralelo, o período também assinala a busca por uma autonomia das Igrejas Nacionais, em relação às *Igrejas-Mães* norte-americanas (Léonard, 1981, p. 125-126).

Sentindo o surgimento de uma ameaça a sua hegemonia, setores da hierarquia católica buscaram combater a expansão do protestantismo. Como já abordado, nessa conjuntura o catolicismo também passava por um processo de reorganização de suas bases de atuação na sociedade, como resultado do fortalecimento da política ultramontana. A partir dessas ocorrências, percebe-se que o cenário era propício para o ressurgimento de Frei Celestino di Pedavoli, como principal emissário do combate ao Protestantismo em Pernambuco. O ponto de partida ocorreu durante a realização de um Congresso Católico, em junho de 1902²⁶, aonde é anunciado a criação de uma Liga Contra o Protestantismo. A primeira

reunião da nova associação religiosa ocorreu em agosto daquele mesmo ano e oficializada em setembro.²⁷

De certo, não se pode considerar a criação dessa organização religiosa como algo inédito. Conforme afirma João Marcos Leitão Santos, desde aproximadamente 1888 o Episcopado vinha elaborando estratégias para barrar o protestantismo. Entre as propostas, o autor destaca a fundação de entidades com o objetivo de contrapor-se a expansão dos trabalhos de missionários protestantes (Santos, 2012, p. 2.). Ao observar a imprensa católica, no final do século XIX, é possível verificar indícios desse modelo de associação religiosa. Em 2 de dezembro de 1888, o jornal *O Apóstolo* notifica a criação de uma *Liga Antiprotetante* em São Paulo. A publicação traz informações a respeito estrutura e objetivos da entidade:

O seu fim é espalhar livros e opúsculos contra o protestantismo.
 As tiragens nunca serão menos que 10.000.
 Parte do produto será aplicado em obras pias nas dioceses, onde se espalharem as mesmas obras, e a outra parte será destinada à propagação de obras contra o protestantismo.
 Haverá um tesoureiro e promotor em cada diocese.
 É livre a cada um dar o que quiser.
 Não há preço marcado.
 Todos os párocos são tesoueiros e promotores nas suas paróquias, a não haver exceção, feita pelo representante da capital.
 Recebem-se ofertas e livros para este fim.
 Os tesoueiros, de acordo com os seus Prelados, têm o direito de fornecer ou indicar as obras que devem ser publicadas.
 Por enquanto, os opúsculos não excederam 32 a 50 páginas em razão das posses da sociedade e da pouca disposição que há para a leitura.
 Pede-se encarecidamente as pessoas que receberem estes opúsculos o favor de os distribuir, quanto antes, para o povo não ficar privado da sua leitura.²⁸

O trecho anterior revela alguns aspectos interessantes na constituição dessa *Liga*: Primeiro, a sua finalidade era combater o protestantismo por meio da publicação de impressos católicos, em oposição à mesma prática de distribuição de bíblias e panfletos desenvolvidas pelos missionários protestantes, destacando a quantidade máxima de tiragens (1.000 cópias) a serem publicadas. Outro aspecto interessante para se observar é a sugestão à quantidade de páginas que as obras impressas poderiam ter, entre 32 a 50 páginas, "em razão das posses da sociedade e da pouca disposição que há para a leitura".

C. L. S. Gomes – “O veneno da heresia deve ser queimado”: o antiprotestantismo católico na imprensa pernambucana (1895-1910)

Durante o percurso dos anos de 1872 e 1890, as taxas de analfabetismo no Brasil eram altas e estáveis, beirando os 82,5% da população (Ferraro, 2002, p. 4). Talvez, por suas atividades no campo educacional, a instituição católica tivesse o conhecimento do quanto restrito eram os grupos letrados brasileiros. Porém, nas entrelinhas do texto do *O Apóstolo*, percebe-se qual seria o real objetivo da propaganda antiprotestante: tornar a literatura apologética acessível a um determinado grupo social, possibilitando sua circulação.

Um ano após essa notícia, verifica-se no *O Apóstolo* outra nota, intitulada *Propaganda*, divulgando a publicação de folhetos católicos contra o protestantismo em São Paulo. O jornal destaca que o respectivo opúsculo é dedicado às famílias católicas, e que *a Liga* presta grandes serviços com a publicação de "livrinhos acessíveis a todos²⁹". O órgão de imprensa em questão tem que ser compreendido como um instrumento tanto ideológico, ligado a difusão dos valores e pensamentos católicos, como institucional, ligado a tentativa de unificar os ecos da hierarquia católica. Dessa maneira, revelando um nível de organização do episcopado brasileiro.

Na Província de Pernambuco, por exemplo, desde a segunda metade do século XIX observa-se a presença de missionários protestantes. Primeiro os congregacionais (*evangélicos*), em seguida com os presbiterianos e os batistas. Até a Proclamação da República nota-se a expansão desses grupos no território pernambucano e à outras províncias em 1880, uma carta circular assinada pelo vigário capitular José Joaquim Camelo de Andrade, publicada no *Diário de Pernambuco* em 28 de outubro, alertava aos párocos e aos fiéis católicos a respeito da propaganda protestante.

Conforme o documento era necessário que a instituição católica estivesse alerta e combatesse "os embustes e artimanhas desses bufarinheiros de bíblias falsificadas e de livrinhos, que sob a aparência de piedade contêm o veneno da rebelião e da apostasia³⁰". Ao recuar mais um pouco, encontram-se indicações de práticas antiprotestantes já na década de 1860, durante a polêmica entre o general Abreu e Lima e o monsenhor Joaquim Pinto Campos, relacionado a distribuição de bíblias por colportores (Araújo, 1906, p. 38-39).

Segundo Santos, o governo episcopal de D. José Pereira da Silva Barros (1881-1891), possuía traços de alinhamento com a estratégia institucional afim de impedir o avanço do protestantismo. Nesse período, é publicado uma carta circular

C. L. S. Gomes – “O veneno da heresia deve ser queimado”: o antiprotetantismo católico na imprensa pernambucana (1895-1910)

que determina a criação de uma *Liga Antiprotetante* em Pernambuco. Como afirma o autor, primeiro era necessário demarcar a área de enfretamento, ou seja, a imprensa e a distribuição de literatura religiosa. E, foram esses os meios, que a Igreja Católica procurou utilizar ao seu favor. Conforme salienta o programa da *Liga*:

[...]1) formar uma propaganda em todo o Império contra o protestantismo, 2) Ninguém pode negar a necessidade de uma cruzada, 3) anualmente se fizesse publicar as palestras familiares de monsenhor de Segúr (ou outra obra menos volumosa) e de que cada Diocese do Império tomasse mil exemplares, ao menos; 4) Este projeto acolhido será o princípio de uma liga geral que se deseja formar contra o inimigo de Deus e da sociedade; 5) O seu fim é espalhar livros e opúsculos contra o protestantismo (*Liga antiprotetante* apud Santos, 2002, p. 2-3).

Pela passagem dar para perceber a semelhança com a publicação do *O Apostolo* em relação ao uso dos impressos como um meio de combater o protestantismo. Outra característica é a recomendação de espalhar os livros e os opúsculos publicados, demarcando uma circulação dessas literaturas apologéticas. Porém, não podemos saber se por causa da Proclamação da República; ou, se por falta de força, a proposta não deu continuidade. Pode-se, ainda, problematizar a possibilidade de a entidade ter se articulado de forma indireta, mantendo uma atuação restrita a alguns setores do clero. No início do século XX, por meio da mobilização entre clero e laicato, verifica-se o surgimento da *Liga contra o Protestantismo* (1902), tendo Frei Celestino com um dos seus principais representantes.

Como foi mencionado, os planos para criar uma *Liga contra o Protestantismo* partiu de Frei Celestino, durante seu sermão no Congresso Católico de junho de 1902³¹. Encerrado o evento, foram indicados para a composição da primeira diretoria da nova associação religiosa: Frei Caetano de Messina Sobrinho, na função diretor, Frei Celestino di Pedavoli, como vice-diretor, o dr. Albino Meira³², no cargo de secretário e o dr. Joaquim Alcebiades Tavares de Holanda, como tesoureiro. Posteriormente, a diretoria sofreu algumas modificações, já que o sr. Albino Meira acabou sendo substituído pelo professor Trajano Alípio Temporal de Mendonça.³³

A comissão criada, realizou ao longo do mês de agosto e setembro daquele ano algumas reuniões públicas, aonde convidavam a população para participar. As reuniões serviram para articular melhor as bases e as diretrizes burocráticas

C. L. S. Gomes – “O veneno da heresia deve ser queimado”: o antiprotetantismo católico na imprensa pernambucana (1895-1910)

da *Liga*. Nos periódicos da época podem-se encontrar informações sobre a recém-criada associação católica, tais como: ela possuía um estatuto, há também a informação da subdivisão da *Liga* em dois conselhos, um masculino e outro feminino. Os sócios deveriam assinar os seus nomes no livro de registros, indicando os respectivos endereços. Teriam que fazer uma oferta, que não poderia passar de 5\$00 réis e pagariam uma anuidade no valor de 2\$00.

Na impossibilidade de ter acesso as fontes da *Liga contra o Protestantismo*, tais informações, disponíveis nos jornais pernambucanos, possibilitam a reflexão sobre as classes sociais dos sócios participantes dessa organização religiosa. Se parar para pensar no valor estipulado de 2\$00 réis da taxa de anuidade, fica evidente as condições para ser considerado associado é delimitando por um critério econômico. Ao procurarmos informações sobre alguns dos sócios da *Liga*, nota-se a presença de leigos católicos, militares, bacharéis, intelectuais, advogados, membros ilustres da sociedade pernambucana e, talvez, até pessoas humildes. Segundo *A Província* de 26 de abril de 1903, a associação religiosa contaria com aproximadamente 518 membros.³⁴ Ela, também, possuiria duas ramificações espalhadas por outras localidades, uma em Garanhuns e a outra em São Vicente, lugares estratégicos e próximos as atividades protestantes nas regiões sul e no interior do estado.

Em relação às suas práticas religiosas, a *Liga* possuía duas formas de combater o protestantismo: Primeiro, por meio do estímulo as devoções católicas, conforme pode ser conferido na nota do *A Província* de 16 de junho de 1903, aonde a diretoria da entidade convida a população para realização de um culto ao padroeiro da associação, o Sagrado Coração de Jesus.³⁵ Os cultos marianos e outras formas de devoções católicas, como festas de Santos, também eram incentivados e organizados pela *Liga*. Em paralelo, um setor composto pela ala intelectualizada, executaria os embates doutrinários com ministros protestantes nos jornais, por meio da utilização de polêmicas religiosas.

O jornal *A Província*, nesta época, se constituiu um dos principais veículos que auxiliaram na difusão das ideias da *Liga*. A partir do dia 28 de setembro de 1902, a associação religiosa passou a publicar nesse periódico, em uma coluna denominada de *Combates ao Protestantismo*. Alguns dos seus colaboradores também eram sócios da organização religiosa, como: o pe. Hermeto Pinheiro.³⁶ A *Liga*

recebeu oficialmente o aval das autoridades eclesiásticas em 24 de setembro de 1902, durante celebração de uma missa na Igreja de Nossa Senhora da Penha, realizada pelo Bispo de Pernambuco, Dom Luís Raimundo da Silva Brito. No mesmo dia, Frei Celestino enviou uma carta à imprensa. Nela, o frade capuchinho relata os princípios norteantes da associação religiosa, e convidava a população católica para abraçar a causa contra o protestantismo:

A fé augusta que vos legaram os vossos gloriosos pais corre evidente perigo neste estado, como em todo o Brasil; porquanto o protestantismo aí está, dilatando-se de dia a dia espantosamente no meio de vós, roubando almas a Cristo!...

Outrora, já o sabeis, a heresia holandesa quis entronizar-se pela violência das armas neste caro torrão natal, e o não conseguiu.

Consegui-la, porventura, a heresia norte-americana, que procura nele se implementar, não mais pelas armas, porém pela sedução e suborno dos ignorantes e dos fracos?!

[...] Eis, pois, católicos pernambucanos!

Em nome da religião santa que professais, em nome da pátria, querida que estremeceis, em nome da sacra Liga antiprotestante que apelando para os vossos sentimentos religiosos e patrióticos, de caridade e filantropia, vos convida a dar o nosso nome e alistarmonos sob sua gloriosa bandeira, uni-vos, unamo-nos todos, coliguemo-nos e reajamos enérgica e nobremente contra esse eminente perigo herético.

[...] Entrai na falange sagrada da Liga Antiprotestante; ajudai com o vosso trabalho, com vossas orações, e com os vossos recursos pecuniários a religiosa campanha por ela promovida com o fim de expulsar do território pernambucano essa medonha heresia. pois, é destarte que a seita manhosa correrá em debandada, deixando de juncar de vítimas inocentes esta cidade, este estado, esta república.³⁷

Pode-se perceber a tentativa de reforço da tradição católica relacionada a noção de *ser brasileiro* considerando a participação dos fiéis na *Liga* como um ato cívico e patriótico. Segundo Emanuela Ribeiro (2009), a Primeira República é marcada pela confluência entre catolicismo e aspectos da modernidade convenientes para a instituição religiosa, em prol de um projeto de construção nacional em colaboração com as classes dominantes. Logo, a Igreja Católica procurou atuar dentro de estratégias de ocupação e disputa de espaços laicos, tendo como proposta a construção de uma narrativa histórica relacionada aos símbolos do catolicismo e a concepções ligadas as ideias de nação.

Os intelectuais católicos passaram a atuar como agentes interlocutores desse processo de construção de nacionalidade (Ribeiro, 2009, p. 15-26). Em outros artigos de Frei Celestino essa característica torna-se mais nítida, como por exemplo: Em 28 de setembro de 1902, Frei Celestino afirma que o combate ao protestantismo está associado a uma luta pela religião [católica] e pela pátria.³⁸ Em outro momento, o frade capuchinho afirma que é dever de qualquer católico defender a religião, por ser a crença majoritária do território brasileiro.³⁹

Esse argumento não é algo novo. Em 1890, a carta pastoral coletiva do Episcopado brasileiro trazia pontos semelhantes: criticava a separação entre os poderes espirituais e temporais, com o fim do Padroado Régio, e a liberdade de culto, vista pela elite eclesiástica como algo nocivo. Os bispos, na época, defendiam a manutenção do *status* de religião oficial do país, pelo fato de que a maioria da população brasileira na época – cerca de onze milhões e quinhentos mil habitantes – seriam considerados católicos.⁴⁰ A partir desse aspecto, pode-se observar um alinhamento entre o pensamento católico e um projeto maior de identidade nacional, como atestado por Emanuela Ribeiro.

Como mencionado, a coluna *Combates ao Protestantismo* contava com auxílio de vários intelectuais, leigos e sacerdotes católicos. Além de republicarem os textos de outros autores, como Antônio Campos, em São Paulo, ex-pastor Batista. Esse ponto articula-se à hipótese de Irinéia Franco (2019), sobre a constituição de uma rede de informação entre a imprensa católica⁴¹, revelando, assim, uma práxis institucionalizada de enfretamento religioso, aplicada de acordo com a realidade local.

Entre os anos de 1902 a 1909 (período da dissolução da Liga), Frei Celestino e seus apoiadores, semanal ou quinzenalmente, publicavam seus artigos nas páginas do *A Província*. Porém, a frequência das publicações alternava-se na medida em que os embates doutrinários com os missionários protestantes ganhavam notoriedade. Nesse ponto pode-se observar a força dos jornais, tanto como uma força ativa no cotidiano da sociedade, como também como uma forma de instrumentalização capitalista e a busca por um aumento do público leitor (Cruz; Peixoto, 2007, p. 257; Sodré, 1999, p. 5).

O jornal em questão, fundado em 6 de setembro de 1872, teve José Mariano Carneiro da Cunha como diretor. Por muito tempo foi o órgão de imprensa ligado

ao partido liberal, participando de forma ativa na vida política e social de Pernambuco. Durante o episódio da Questão Religiosa teceu duras críticas a postura de Dom Vidal Gonçalves, então bispo de Olinda e Recife, nos anos seguintes o periódico atuou como propagador dos ideais abolicionistas (Nascimento, 1966, p. 176-177). A trajetória política do jornal chama a atenção e indica uma possível mudança no século XX do seu posicionamento ideológico, passando da defesa do liberalismo ao conservadorismo. Essa premissa explicaria as prováveis relações entre o órgão de imprensa e a *Liga contra o Protestantismo*, permitindo a reflexão sobre o papel dos jornais como “uma ferramenta ideológica e intervenção de determinados grupos na sociedade” (Capelato, 1988, p. 21).

Com o apoio do *A Província*, as práticas antiprotestantes de Frei Celestino e da *Liga* passaram a ter legitimação por meio das polêmicas religiosas, constituindo-se a principal ferramenta para difusão desse tipo de discurso. Falta um estudo mais aprofundado sobre as polêmicas religiosas na imprensa brasileira e pernambucana. Contudo, a partir de um breve levantamento, pode-se subdividi-las em três vieses temáticos:

- 1) *Doutrinais e teológicas*, discussões sobre as doutrinas católicas e protestantes. Eram apologéticas, utilizavam de textos bíblicos como meio de defender o catolicismo e atacar o protestantismo, ou vice e versa. Temos, por exemplo, a publicação de cartas abertas direcionadas a indivíduos específicos, como ministros ou missionários; ou abordavam temas como o culto aos santos e a virgindade de Maria e publicações denunciando os erros das *seitas protestantes*;
- 2) *Abjurações*, consistia na notícia de casos de homens e mulheres que teriam deixado o protestantismo e voltado ao catolicismo. O objetivo seria mostrar o enfraquecimento do Protestantismo enquanto crença, no Brasil e mundo;
- 3) *Antiprotestantismo*, no *stricto sensu*, relata casos, ligados ao cotidiano, que buscava legitimar um imaginário negativo relacionado ao Protestantismo. Atuando como uma forma de violência simbólica, ao ser relacionado ao uso de adjetivos pejorativos associados a grupos protestantes, através de ataques aos seus templos, denominadas como *igrejinhas*, seus cultos, *missas-secas*, e os seus adeptos, por exemplo indicação de protestantes como *bodes*, ou *capa-verdes*, e seus ministros como *frei-bodes*.

O uso de sátiras e ironias também constituem um arcabouço discursivo que legitima essa prática. O uso de tais termos, articula-se a manifestações de ódio aos protestantes nas publicações de Frei Celestino, e atuaram como um dos instrumentos de legitimidade para realização de atos públicos de intolerância religiosa, como a queima de Bíblias.⁴²

O episódio da queima das bíblias *truncadas*⁴³ ocorreu em 22 de fevereiro de 1903 e surgiu em meio a cinco meses de tensões entre Frei Celestino e os missionários protestantes nos jornais pernambucanos. O seu ponto de partida foi a publicação de 27 de setembro de 1902, no *Jornal de Recife*, na qual o autor utiliza o pseudônimo de *Um Evangelista*, e recrimina a organização da *Liga Contra o Protestantismo*, em consequência os ataques aos ministros evangélicos por meio da imprensa.⁴⁴

Por sua vez, no dia seguinte, o frade capuchinho utilizou a brecha fornecida pelos seus opositores para fazer o uso de polêmicas religiosas, afim de contestar os argumentos protestantes.⁴⁵ Suas publicações não só tiveram um alvo, a imprensa pernambucana se constituiu no palco de debates, marcados pela presença de ministro protestantes como o *Sr. Frank*⁴⁶; outros representantes do protestantismo também foram alvos de ataques, por exemplo Manoel de Sá Rodrigues Campello, secretário da Igreja do reverendo Telford, o pastor presbiteriano João Marques da Motta e o missionário batista João Borges da Rocha.

No entanto, foi o missionário batista Salomão Ginsburg, o principal alvo do discurso antiprotetante de frei Celestino. Reverendo Ginsburg encontrava-se em Pernambuco desde 1900, após uma estadia em Campos, no Rio de Janeiro. Ao chegar em Recife, o missionário auxiliou na organização da União Batista Leão do Norte, uma cooperativa formada pelas igrejas batistas que faziam parte do campo missionário pernambucano. A historiografia protestante destaca as inúmeras atividades de Ginsburg durante sua permanência em Pernambuco, ajudou na fundação de congregações em várias regiões e na criação do Seminário Teológico Batista de Pernambuco, em 1º de abril de 1902.

Em meio aos debates teológicos entre o frade capuchinho e ministros congregacionais, batistas e presbiterianos, uma missiva enviada à imprensa por Ginsburg ao *Jornal de Recife* pode ser considerado o pivô da campanha de oposição ao

C. L. S. Gomes – “O veneno da heresia deve ser queimado”: o antiprotetantismo católico na imprensa pernambucana (1895-1910)

missionário batista. A biografia de Salomão Ginsburg se torna uma excelente fonte de observação desse episódio:

Diariamente era publicado, num dos jornais, um artigo escrito por um homem importante da cidade ou do Estado. Começaram atacando as nossas doutrinas, a que eu respondia indiretamente, dirigindo-me ao público, em vez de ao clero que escrevera. Era regra, os católicos e jesuítas, em discussões públicas, sofismam, e querem com frases e palavras, em vez de apresentarem doutrinas e princípios. Para evitar discussões inúteis, achei melhor não dar atenção aos indivíduos, mas ensinar a e explicar a verdade e a simplicidade do evangelho (Ginsburg, 1970, p. 128, grifo nosso).

Segundo a afirmação nota-se um consenso entre os intelectuais da *Liga contra o Protestantismo* ao atacar o reverendo Ginsburg, como, também, sugere os jornais da época. Esse elemento, permite a compreensão das relações sociais entre os sócios da associação religiosa como uma rede de relações institucionalizadas,⁴⁷ constituído por grupos de indivíduos ligados por interesses em comum, seja ideológico, sociais ou políticos. Esse nível de vínculo social já era entendido pelos missionários protestantes como umas das grandes dificuldades para inserção completa do protestantismo no território brasileiro. Segundo Asa Routh Crabtree (1962, p. 313):

Por longos séculos o sistema católico dominava completamente a sociedade brasileira. Os seus ideais religiosos, a imprensa e a literatura, os hábitos, e costumes sociais do povo, a riqueza e a pompa da igreja, sua influência na política e instituições político-sociais de caridade, como sejam hospitais educandários, orfanatos e asilos, proporcionavam ao romanismo o poder dominante na vida social (Crabtree, 1962, p. 213).

Esse “poder dominante na vida social”, apontado por Crabtree, explicaria a incorporação de discursos e práticas antiprotetantes, difundidas pelo clero, por grupos intelectuais e a elite social. Os jornais constituem, dessa forma, uma excelente ferramenta para rastrear esse tipo de dinâmica entre os campos religioso e social. Dessa forma, a consulta a imprensa permitiu verificar que a campanha contra o reverendo Ginsburg foi consequência da sua publicação de 23 de outubro de 1902, ao *Jornal de Recife*, com o de título de *Ao povo pernambucano*. Nessa missiva, o missionário batista fazia referência ao crescimento dos trabalhos protestantes após a Proclamação da República e a separação a Igreja Católica e o Estado:

Os insultos, as calúnias, as baixeiras não nos atingem.
 A lama em que desvairado testa de ferro de uma "Liga" ilegal e perversa se revolve contente e satisfeito, só pode sujar cada vez mais ao próprio ente desprezível e aos companheiros que sustentam nesse trabalho inglório e desumano.
 As ameaças contra nós diariamente feitas só nos causam risos
 Como se o povo Pernambucano se prestasse a tal rebaixamento!
 Como se os pernambucanos não conhecessem esses especuladores, esses hipócritas e bonzos de feira!
 (...) Ha pouco tempo, comparativamente falando, que o evangelho de Jesus está sendo pregado nesta capital - neste Estado. Porém, ultimamente tem tomado um desenvolvimento admirável especialmente, após a proclamação da República, depois [sic] da decretação[sic] que separou a Igreja do Estado.
 O povo pernambucano cansado de aturar a escravidão clerical, de suportar os abusos do clero, de concordar com dogmas absurdos, de sujeitar-se a superstições grotescas, abriu sua alma ao puro evangelho de Jesus, as boas novas da salvação gratuita, a religião pura e simples de Cristo, o Redentor.
 No Sul e no Norte, nos sertões e nas capitais, em toda a parte finalmente, o mensageiro do Evangelho, que leva nas suas mãos a simples mensagem de um Deus de amor, é aceito, escutando e atendido.
 Mas é exatamente isto que está enfurecendo os filhos de Loyola, e, ei-los em campo manejando armas as mais ínfimas, como sejam: a mentira, a calunia e a baixeira; e vendo que o povo não os atende, por que já os conhecem de sobra, procuram esses filhos das trevas e da conveniência, atihar contra nós os fanatizados e pervertidos por eles
 Coitados! Como se desmoralizam!⁴⁸

Como se observou, Ginsburg critica a postura de Frei Celestino, a quem ele denomina como *testa de ferro de uma Liga ilegal e perversa*. Outro ponto abordado foram as provocações e as perseguições que os protestantes vinham sofrendo na imprensa, sob a liderança do frade capuchinho, interpretadas pelo ministro batista como uma afronta as liberdades religiosas, conferidas pela Constituição Federal e à dignidade e a honra do protestantismo. Segundo sua carta: “o povo pernambucano cansados de aturar uma suposta escravidão clerical, suportar os abusos do clero e concordar com dogmas absurdos, sujeitando-se a superstições grotescas”.⁴⁹

Frei Celestino e a *Liga* não tardaram a se mobilizarem contra o missionário batista. Três dias depois, em 29 de outubro, por meio do protesto publicado no jornal *A Província*, intitulado *Contra as revoltantes injúrias, assacada ao brioso povo pernambucano, pelo sr. Salomão*.⁵⁰ Assinado pela *Elite da sociedade pernambucana*.

C. L. S. Gomes – “O veneno da heresia deve ser queimado”: o antiprotetantismo católico na imprensa pernambucana (1895-1910)

bucana, justamente indignada, passando a noção de unidade entre um determinado grupo social. Tal característica demonstra as continuidades das relações de poder entre os grupos dominantes e a Igreja Católica.

Para o autor do protesto, as palavras escritas por Rev. Ginzburg em sua missiva, foram extremamente grosseiras e não só ofenderam ao clero católico, mas aos membros da *Liga contra o Protestantismo*, assim como a todos os pernambucanos em geral. Ainda rebate o argumento apresentado pelo missionário batista, ao afirmar haver más intenções de Ginsburg. Segundo o protesto, ao criticar a religião católica, Ginsburg também estaria agredindo a pátria. E reforçam a sua oposição contra as *heréticas blasfêmias* de Salomão Ginsburg e pelos protestantes presentes em Pernambuco, à Virgem Maria e a Igreja Católica.⁵¹

Durante o percurso de novembro de 1902 a fevereiro de 1903, é possível perceber as repercussões desse impasse. No *A Província*, por exemplo, além da Coluna editada pela *Liga contra o Protestantismo* também foram publicadas cartas de pessoas ilustres da sociedade, provavelmente sócios da associação religiosa. Frei Celestino e Pe. Hermeto Pinheiro se reversaram durante esse tempo para debater com o reverendo Ginsburg, afim de contestar a série de textos que eram publicados pelo ministro protestante no *Jornal de Recife*. O clima de tensão teve como ápice o editorial *Amarga decepção salomônica*, assinado por Frei Celestino, na *Colunas Religiosas*, no qual o frade capuchinho convidou a população pernambucana para que no dia 22 de fevereiro de 1903, às 8 da manhã, junto com os missionários capuchinhos, à queimar as bíblias e livros protestantes:

São Convidados todos os nova-seita a comparecer (querendo) no lugar já indicado (na praça pública ou no pátio do Convento da Penha), para presenciarem esse fato e assinalarem essa decepção. Serão cerca de 200 volumes ou exemplares de bíblias protestantes (entre grandes e pequenos) que vão ser entregues às chamas, não por ser bíblias ou palavras de Deus, mas sim, e tão somente por ser bíblias protestantes, por eles adrede e sacrilegamente falsifica, truncadas e adulteradas, e pela suprema autoridade infalível da verdadeira Igreja de Cristo, justamente proibida e excomungada.⁵²

E de fato, como anunciado, a solenidade ocorreu no pátio da Igreja da Penha, no dia 22 de fevereiro, às 9 da manhã. Segundo as informações passadas pelo próprio Frei Celestino, cerca de duas mil pessoas compareceram ao ato e 214 volumes bíblias e outros materiais protestantes foram incinerados⁵³. Para o frade capuchinho eles não estavam queimando a verdadeira bíblia, conservada pela

C. L. S. Gomes – “O veneno da heresia deve ser queimado”: o antiprotetantismo católico na imprensa pernambucana (1895-1910)

Igreja Católica, “mas queimariam, em vez disso, bíblias falsas, mutiladas, truncadas e adulteradas e interpretadas pelo juízo privado e falível dos protestantes”.

A justificativa era que os *nova-seita* (como o frade denomina de forma pejorativa os protestantes), eram hereges e excomungados, “que deturparam a bíblia com intuito de encher os próprios bolsos”. Notam-se nos argumentos o emprego da violência simbólica representada pela queima de bíblias, afim de desqualificar o protestantismo enquanto religião, por meio da utilização do termo *heresia*. Para o corpo clerical tudo que ia de encontro aos interesses e preceitos católicos eram considerados como apostasias, erros religiosos. O protestantismo, nesse caso, é interpretado como germe do que a hierarquia católica denomina como erros da modernidade, um mal que deveria ser combatido.

Não tardou para surgir reações contra a queima de bíblias. No dia 27 de fevereiro de 1903, foi publicado no *Jornal de Recife* uma nota anônima, intitulada *Censurável*, na qual o autor acusa os frades capuchinhos de violar a Constituição e de terem cometido crime de intolerância religiosa⁵⁴. E no mês seguinte, no dia 8 de março de 1903, o Reverendo Salomão Ginsburg envia uma missiva também ao *Jornal de Recife*⁵⁵, a princípio seu texto criticava a suposta imoralidade do clero católico, denominados por ele de *romanos*. Em seguida, associa a pessoa de Frei Celestino com o suposto neófito que debateu com o Rev. John R. Smith, na década de 1880. Salomão Ginsburg aponta a incapacidade do *frade neófito* de provar a falsidade e adulteração das bíblias, apontando que não há diferença entre os Novos Testamentos da bíblia protestantes em relação a católica. E, por fim, sugere ao povo pernambucano que “fuja dos mentirosos romanos e busquem a verdade que eles procuram esconder”.

No entanto, apesar da repercussão negativa da primeira queima de bíblias, Frei Celestino não recuou, pelo contrário, prosseguiu em sua campanha, publicando ataques aos protestantes, apoiado pelos sócios de *Liga*. As ações do grupo culminaram com a realização da segunda queima de bíblia, maior que a anterior. Dessa vez, ocorrida em 27 setembro de 1903, novamente no pátio da Igreja da Penha. A solenidade fazia parte do programa de comemoração ao primeiro aniversário da *Liga contra o Protestantismo*, como enviado a imprensa.

Um ponto interessante é a ritualística da cerimônia. Primeiro, realizaram uma missa em comemoração ao aniversário da *Liga contra o Protestantismo*, dedicado ao Coração Eucarístico de Jesus. Após isso, Dom Luís Raimundo Brito, bispo diocesano, pronunciou um sermão, afim de mostrar as contribuições da associação à moral, à religião e a sociedade pernambucana. Durante a festividade foi colocada uma mesa expondo edições de bíblias, consideradas falsificadas, assim, como também, de livros, folhetos e folhas, entregues aos frades capuchinhos por fiéis católicos. Segundo as palavras de Oliveira, o programa da queima de bíblia beirava a ousadia, com cerca de 275 exemplares de material literários protestantes, entre bíblias, livros, folhetos e jornais (Oliveira, 2017, p. 119).

A exibição da literatura protestante ao público é interpretada como uma exposição de espólios, como se realmente houvesse uma batalha contra o protestantismo. Outro ponto é a presença do bispo diocesano na celebração. Isso demonstra um grau de consenso a realização ao ato de intolerância. O episódio gerou repercussão desde a sua convocação. No dia 25 de setembro, o Rev. Salomão Ginsburg informa no *Jornal do Recife* que enviou um telegrama ao Congresso Nacional e a Imprensa do Rio, solicitando que a bancada pernambucana tomasse uma posição sobre a realização dessa cerimônia, por mais que os parlamentares federais fossem simpáticos a causa do catolicismo.

Alguns parlamentares se pronunciaram contra ao episódio promovido pelos frades capuchinhos, entre eles destaca-se Germano Hasslocher,⁵⁶ deputado por Rio Grande do Sul, quem procurou discutir sobre a tema da Queima de Bíblias no Congresso Federal:

Custa-me a crer, sr. Presidente, que isso aconteça em Pernambuco, parecendo-me até que este telegrama é uma fantasia destinada a impressionar está Camara, onde, há bem poucos dias, este foi discutido.

Se for verdade, se, com efeito, este frade patrocinado pelo bispo de Olinda, pretende impressionar o Brasil com um ato como este, da queima das bíblias protestantes, devemos considerar isto como uma verdadeira represália às censuras que surgiram nesta Casa; censuras que visaram nem podiam visar o livre exercício do culto católico, que tolos respeitamos e queremos ver garantido, mas verdadeira represália às simples manifestações que aqui surgiram em nome desta mesma liberdade de crenças; em nome dos católicos que residem no Brasil e desejam ver respeitadas a sua religião.⁵⁷

Em outro momento o deputado argumenta:

Pergunto, porém, a todos os homens desapaixonados desta Câmara: em um país que diz - todas as crenças religiosas são permitidas, o exercício de todos é garantidos - pode-se permitir que se levante uma seita, que se intitula "Liga Contra o Protestantismo", para violar a Constituição, para combater aquilo que a Constituição garante!

A Constituição diz ser livre o exercício de todos os cultos e garantidas a plena liberdade religiosa.

Pergunto: diante de um dispositivo desta natureza, pode viver legalmente uma agremiação religiosa que tem por objetivo combater outras agremiações religiosas? Não; porque, do contrário, essa agremiação religiosa transformar-se-ia em um verdadeiro Estado dentro do Estado, pois ela se constitui protestando contra o princípio capital da Constituição, tentado destruí-lo; é, enfim, a ação de determinado grupo contra outros grupos que tem atento direito a vida como ele.⁵⁸

Observa-se nos textos protestantes um paralelo entre a prática da queima das bíblias com a inquisição, em específico a comparação das manifestações de intolerância com os autos de fé. Como parte dos mecanismos punitivos do Santo Ofício, os autos de fé, segundo João Bernardino Gonzaga, eram solenidades públicas com a finalidade de “restaurar no povo a pureza da fé, intimidar hereges ocultos e fortalecer cristãos vacilantes” (Gonzaga, 1993, p. 122). Algumas similaridades no imaginário protestante podem ser notadas, como por exemplo, na publicação de 22 de setembro de 1903, o pastor Ginsburg chama Frei Celestino de novo Torquemada, em referência a Tomás de Torquemada, frade dominicano e inquisidor-geral espanhol, que durante o século XV levantou uma campanha contra judeus e mulçumanos convertidos na Espanha. No dia seguinte, em outra publicação, o missionário relaciona a queima de bíblias a uma campanha inquisitória.

Outra consequência da queima de Bíblias foi o longo debate entre frei Celestino e intelectuais liberais, como Symphronio de Magalhães e João Barreto de Menezes, sobre a questão da ocorrência de um crime constitucional, por parte do frade capuchinho. Esse por sua, afirmava que não teria cometido nenhum tipo de crime constitucional, pelo contrário, estaria exercendo um direito outorgado pela Carta Magna: a livre expressão religiosa. Na concepção do frade capuchinho o ato era legítimo e ocorreu dentro da legalidade. Essa perspectiva traz à tona uma questão abordada por Natalie Davis. Conforme salienta a autora os ritos de violência, para os grupos envolvidos eram atos legítimos (Davis, 1990, p. 154). Esses elementos podem ser encontrados no discurso antiprotestante difundido pela liderança eclesiástica, como Frei Celestino.

C. L. S. Gomes – “O veneno da heresia deve ser queimado”: o antiprotestantismo católico na imprensa pernambucana (1895-1910)

Outro ponto são as continuidades das manifestações de intolerância religiosa. Em outras localidades foram registradas queimas de bíblias, como é o caso de: de São Brás (1904), Penedo (1904), em Alagoas; em Santa Cecília (1904), São Paulo; Caruaru (1905), Pernambuco, e novamente em Recife (1907). O que passa a noção de continuidade a solenidade realizada pelos capuchinhos na Penha em 1903.

Após 1908, a *Liga* é encerrada, seus sócios se dissipam. Poucas foram as menções encontradas, até o momento, sobre as atividades de sua diretoria ao fim das atividades da associação religiosa. Frei Celestino falece no Convento da Penha em 1910. No imaginário protestante o frade capuchinho passou a ser representado como um dos principais opositores dos missionários norte-americanos e a personificação do antiprotestantismo católico.

Considerações finais

O texto buscou trazer contribuições para os estudos das religiões no Brasil em específico ao tentar viabilizar as particularidades dos conflitos entre católicos e protestantes na região nordeste do país. Dessa forma, sua finalidade foi fazer direcionamentos a questões, até o momento, pouco exploradas pelas produções locais e nacionais.

A respeito do antiprotestantíssimo ficam-se alguns questionamentos, que podem ser trabalhados em umas pesquisas ampla: em primeiro lugar, um estudo mais aprofundado das polêmicas religiosas, como ferramentas de promoção da visibilidade do Protestantismo. Para Antônio Gouvêa Mendonça (2008, p. 122-123), a luta do protestantismo por um espaço religioso na sociedade se deu a partir de três níveis: a polêmica, o proselitismo e a educação. No caso da polêmica religiosa, relaciona-se com a necessidade de criar uma imagem nítida sobre o seu adversário para que seus ataques não se perdessem no vazio.

Tal ferramenta, também, projeta a representação que protestantismo teve a Igreja Católica (Mendonça, 2008). Nota-se, assim, a presença de um antiromatismo, oposto, ao antiprotestantismo, ou seja, discursos anticatólicos, ligado ao imaginário coletivo e institucional dos grupos protestantes.

Os embates entre o antiprotetantismo e o antiromanismo, articulam-se a partir da ocorrência de disputas no campo religioso, tornando-se um significativo objeto de análise. A questão da identidade nacional torna-se proeminente de averiguação. É perceptível que ela perpassa outros espaços, na imprensa protestantes tal temática se faz presente. É também possível observar para a época, para além de uma disputa por capital simbólico e hegemonia social, um embate pela aplicação de dois projetos de nação em curso, um contrário ao outro.

Referências bibliográficas

- AMOSSAY, Ruth. Por uma análise discursiva e argumentativa da polêmica. In: *Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*. Ilhéus: UESC, n. 13, 2017. pp. 227-244.
- ARAÚJO, Vicente Ferrer de Barros Wanderley. *Seitas protestantes em Pernambuco*. 2° ed. Pernambuco: Tipografia do Jornal do Recife, 1906.
- AZZI, Riolando. *O altar unido ao trono: um projeto conservador*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. O capital social – notas provisórias. In: CATANI, A.; NOGUEIRA, M. A. (org.). *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998. pp. 65-70.
- BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BRITTO, R.; ALMEIDA, F. P. M. de. Luteranismo e a Inquisição no Brasil Colônia (século XVI). In: *Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*. Curitiba: PUC-PR, v. 6, n. 3, 2014. pp. 1077-1094.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *A imprensa na História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: vol. 1 – Artes de fazer*. 16° ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: *Estudos avançados*. São Paulo: USP, v. 5, n. 11, 1991. pp. 173-191.
- CRABTREE, A. R. *História dos Batistas no Brasil: até 1906*. 2° ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962.
- CRUZ, Heloisa de Farias; PEIXOTO, Maria do Rosário. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. In: *Projeto História*. São Paulo: PUC-SP, n. 35, 2007. pp. 253-270.

C. L. S. Gomes – “O veneno da heresia deve ser queimado”: o antiprotetantismo católico na imprensa pernambucana (1895-1910)

CRUZ, Karla Janaina Costa. *Cultura Impressa e prática leitora Protestante no oitocentos*. Tese (Doutorado em Linguística). João Pessoa: UFPB, 2014.

DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França Moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

FERRARO, Alceu Ravello. Analfabetismo e os níveis de letramento no Brasil: o que dizem os censos? In: *Educação e Sociedade*. Campinas: CEDES, v. 23, n. 81, 2002. pp. 21-47.

FREYRE, Gilberto. *Ordem e progresso*. São Paulo: Global, 2013.

GINSBURG, Salomão L. *Um judeu errante no Brasil: autobiografia*. Trad. Manoel Avelino de Souza. 2º ed. Rio de Janeiro: Batista, 1970.

GONZAGA, João Bernardino. *A Inquisição em seu mundo*. 4º ed. São Paulo: Saraiva, 1993.

GOMES, Edgar da Silva. *O catolicismo nas tramas do poder: a estadualização diocesana na Primeira República (1889-1930)*. Tese (Doutorado em História Social). São Paulo: PUC-SP, 2012.

GOMES, César Leandro Santos. Relatos de intolerância e ritos de violências: as representações dos conflitos entre protestantes e católicos na imprensa de Alagoas e Pernambuco (1873-1910). In: *CLIO: Revista de Pesquisa Histórica (Online)*. Recife: UFPE, v. 38, 2020. pp. 317-343.

HALL, John R. Religion and violence: social processes in comparative perspective. In: DILLON, Michele (ed.). *Handbook the Sociology of Religion*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. pp. 359-384.

HAUCK, João Fagundes (et. al.). *História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo: segunda época, Século XIX*. 4º ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

LÉONARD, Émile-Guillaume. *O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e de história social*. 2º ed. Rio de Janeiro/São Paulo, JUERP/ASTE, 1981

LESSA, Vicente Themudo. *Anais da 1ª Igreja presbiteriana de São Paulo (1863-1903): Subsídios para a história do presbiterianismo brasileiro*. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do Protestantismo no Brasil*. 3º ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

NASCIMENTO, Luiz do. *História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954)*. Vol. 2 – diários de Pernambuco – 1829/1900. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1966.

OLIVEIRA, Edson Douglas. *Um judeu batista no Brasil: relações entre Protestantismo, Estado e Sociedade no período da Velha República com base na narrativa do missionário batista Salomão Ginsburg*. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: PUC-SP, 2017.

C. L. S. Gomes – “O veneno da heresia deve ser queimado”: o antiprotetantismo católico na imprensa pernambucana (1895-1910)

PEREIRA, Rodrigo Nobrega Moura. *A salvação do Brasil: as missões protestantes e o debate político-religioso do século XIX*. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

RIBEIRO, Emanuela Sousa. *Modernidade no Brasil, Igreja Católica, Identidade Nacional: práticas e estratégias intelectuais, 1889-1930*. Tese (Doutorado em História). Recife: UFPE, 2009.

SANTANA, Jair Gomes de. *Embates da Fé: católicos e protestantes no Recife, 1860-1880*. Dissertação (mestrado em Ciências da Religião). Recife: UNICAP, 2007.

SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. *Questão de consciência: Os ultramontanos no Brasil e o regalismo do Segundo Reinado (1840-1889)*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015.

SANTOS, Irinéia Maria Franco dos. *Imprensa católica na Primeira República: uma história social do hebdomadário "A Fé Christã" (Penedo, Alagoas)*. Maceió: EDUFAL, 2019.

SANTOS, João Marcos Leitão. A institucionalidade do poder que se discute: A organização da Liga Anti-protestante (1888). In: *Anais do XIII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões*. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2012.

SANTOS, Lyndon de Araújo. *As outras faces do Sagrado: protestantismo e cultura na Primeira República Brasileira*. Tese (Doutorado em História). Assis: UNESP, 2004.

SARMENTO, Daniel. *Livres e Iguais: estudos de direito constitucional*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010.

SENRA, Nelson. *História das estatísticas brasileiras: vol. 1, estatísticas desejadas, 1822-1889*. Rio de Janeiro: IBGE, 2006.

SERBIN, Kenneth P. *Padres, celibato e conflito social: uma história da Igreja Católica no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4º ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

VÉRAS, Rogério de Carvalho. *O arquiteto das orquídeas: trajetória e memória de George William Butler, médico e missionário protestante no Nordeste da aurora republicana (1883-1919)*. Tese (Doutorado em História). São Paulo: UNESP, 2018.

Sites

A VIDA do Rev. Dr. George William Butler. Disponível em: <https://agrestepresbiteriano.com.br/a-vida-do-rev-dr-george-william-butler>. Acesso em 22/06/2020.

A VIDA do Rev. John Rockwell Smith. Disponível em: <https://agrestepresbiteriano.com.br/a-vida-do-rev-john-rockwell-smith/>. Acesso em 22/06/2020.

C. L. S. Gomes – “O veneno da heresia deve ser queimado”: o antiprotetantismo católico na imprensa pernambucana (1895-1910)

MEIRA, Albino Gonçalves. <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/pri-meirarepublica/MEIRA,AlbinoGonçalves.pdf>. Acesso em 22/06/2020.

PEREIRA, Francisco Bonato. *Pastor Salomão Luis Ginsburg: cronologia da vida do missionário Judeu errante, 1867-1927*. Disponível em http://www.museubatista-dosertao.org/past_salomaoLuis.html. Acesso em 22/06/2020.

¹ Para Pierre Bourdieu, o Campo pode ser compreendido como um espaço social simbólico, mais ou menos restrito, onde as ações individuais e coletivas se dão dentro de uma normatização, criada e transformada constantemente por essas próprias ações. Esse espaço simbólico seria marcado por lutas dos seus agentes com a intenção de determinar, validar, legitimar formas de representações, por meio da utilização do Poder Simbólico. Cf. BOURDIEU, 2007, p. 179.

² O conceito de estratégia pode ser entendido conforme Michel de Certeau: “(...) ações que, graças ao postulado de um lugar de poder (a propriedade de um próprio), elaboram lugares teóricos (sistemas e discursos totalizantes), capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem. Elas combinam esses três tipos de lugar e visam dominá-los uns pelos outros. Privilegiam, portanto, as relações espaciais”. Cf. CERTEAU, 2009, p. 46 e 102.

³ NECROLOGIA. *Jornal do Recife*, ano LIII, n. 219, Recife, 31 de ago. de 1910, p. 2.

⁴ FREI Celestino di Pedavoli. *A Província*, ano XXXIII, n. 218, Recife, 30 de ago. de 1910, p.1.

⁵ NECROLOGIA. *Jornal do Recife*, ano LIII, n. 219, Recife, 31 de ago. de 1910, p.2.

⁶ Ao longo do oitocentos registram-se a existência de dois Frades com o nome de Caetanos de Messina e ambos atuaram em Pernambuco. Além das semelhanças entre os nomes e localidades onde exerceram suas atividades religiosas, eles também possuíam ligações consanguíneas, eram tio e sobrinho. Segundo Nelson Senra: “Frei Caetano de Messina, tio, que chegou a Recife em 11 de setembro de 1841, donde saiu em 23 de janeiro de 1860. Faleceu em Montevidéu, em 9 de janeiro de 1878. Seu corpo, em 1882, foi trasladado para o Rio de Janeiro, até que, em janeiro de 1996, foi levado para o Colégio N. S. do Bom Conselho, em Bom Conselho, Pernambuco. Frei Caetano de Messina, sobrinho, chegou ao Rio de Janeiro em 8 de junho de 1870, e a Recife um ano depois, com 27 anos. Viveu no Recife desde 1871 até 5 de junho de 1929, tendo falecido no Hospício do Bom Conselho, fundado por seu tio (hoje o Colégio N. S. do Bom Conselho, em Bom Conselho, Pernambuco)”. cf. SENRA, 2006, nota 84, p. 162.

⁷ PASSAGEIROS. *Jornal do Comercio*, ano LI, n. 152, Rio de Janeiro, 1 de jun. de 1872, p.3.

⁸ ECOS Urbanos. *O Domingo*, ano II, n. 43, São Luiz, 9 de nov. de 1873, p. 4.

⁹ *O Domingo*, ano III, n. 5, São Luís, 1 de fev. de 1874, p. 1.

¹⁰ *Jornal do Maranhão*, ano V, n. 135, São Luís, 14 de jan. de 1874, p.1.

¹¹ FESTIVIDADE religiosa. *Jornal do Maranhão*, ano V, n. 134, São Luís, 13 de jan. de 1874, p.2.

¹² *Jornal do Maranhão*, ano V, n. 135, São Luís, 14 de jan. de 1874, p.1. e DEITA nas mangas de fora. *Jornal do Maranhão*, ano V, n. 136, São Luís, 15 de jan. de 1874, p.1.

¹³ Entre alguns exemplos: MISSÃO. *O Apostolo*, ano XV, n. 22, Rio de Janeiro, 27 de fev. de 1880, p. 1. Narra a missão de Frei Celestino na vila de Gameleira; FESTA na Penha. *Diário de Pernambuco*, ano LX, n. 206, Recife, 6 de set. de 1884, p.1. Atuação de Frei Celestino como pregador em virtude da festa da padroeira do Convento dos Capuchinho; MISSÕES em Pernambuco. *O Apostolo*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 18, 18 de fev. de 1887, p. 3. Missão em Garanhuns; SANTA missões em Garanhuns. *Jornal do Recife*, ano XXXVIII, n. 261, Recife, 14 de nov. de 1895, p. 3.

¹⁴ Fica um questionamento se as perguntas polêmicas foram direcionadas a James Fanstone, ministro congregacional da Primeira Igreja Evangélica de Pernambuco ou a outro missionário protestante. Para melhor entender o episódio ler o trabalho: SANTANA, 2007, em específico o capítulo 4.

¹⁵ John Rockwell Smith, norte-americano, foi um pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil, presidindo seu Supremo Concílio entre os anos 1915-1916 (na época Assembleia Geral). Foi ministro da Primeira Igreja Presbiteriana de Pernambuco, organizada em 1878, em Recife. Nos anos seguintes, ele também organizou as Igrejas de Goiana (21-11-1880), Paraíba, atual João Pessoa (21-12-1884), Pão de Açúcar (18-08-1887) e Maceió (11-09-1887). Faleceu em Richmond, EUA, em 31 de julho de 1940. Cf. A VIDA do Rev. John Rockwell Smith. Disponível em <https://agrestepresbiteriano.com.br/a-vida-do-rev-john-rockwell-smith/>. Acesso em 22/06/2020.

¹⁶ George W. Butler, nasceu em Roswell, Georgia, em 12 de julho de 1854 e faleceu em Canhotinho, Pernambuco, em 27 de maio de 1919. Foi um médico e pastor presbiteriano. Atuou em Pernambuco e no Maranhão. Foi responsável pela fundação da Igreja Presbiteriana de Garanhuns em 1894. A VIDA do Rev. Dr. George William Butler. Disponível em <https://agrestepresbiteriano.com.br/a-vida-do-rev-dr-george-william-butler/>. Acesso em 22/06/2020.

¹⁷ Salomão Luiz Ginsburg (Polônia, 6 de agosto de 1867 – Brasil, 31 de março de 1927) foi um ministro evangélico e um missionário batista no Brasil. Atuou no campo pernambucano entre 1900 e 1909. Compôs o *Cantor Cristão* (1891), hinário centenário que até os dias atuais são utilizados pelas Igrejas Batistas, as últimas edições com quase 600 hinos, e mais de uma centena de autoria ou tradução de Salomão Ginsburg. Cf. PEREIRA, Francisco Bonato. *Pastor Salomão Luis Ginsburg: cronologia da vida do missionário Judeu errante, 1867-1927*. Disponível em http://www.museubatistasertao.org/past_salomaoLuis.html. Acesso em 22/06/2020.

¹⁸ SANTA Missão de Garanhuns. *Diário de Pernambuco*, ano LXXI, n. 254, Recife, 6 de novembro de 1895, p. 3.

¹⁹ SANTA Missão de Garanhuns. *Diário de Pernambuco*, ano LXXI, n. 254, Recife, 6 de novembro de 1895, p. 3.

²⁰ BUTLER, George. Santa Missão em Garanhuns. *Jornal de Recife*. ano XXXVIII, n. 261, Recife, 14 de novembro de 1895, p. 3.

²¹ BUTLER, George. Santa Missão em Garanhuns. *Jornal de Recife*. ano XXXVIII, n. 261, Recife, 14 de novembro de 1895, p. 3.

²² Idem.

²³ Missão em Garanhuns. *Jornal de Recife*. ano XXXVIII, n. 270, Recife, 24 de novembro de 1895, p. 4.

²⁴ PEDAVOLI, Fr. Celestino di. Santa Missão de Garanhuns. *Diário de Pernambuco*, ano LXXI, n. 280, Recife, 6 de dezembro de 1895, p.3; Missão de Garanhuns, parte II. *Diário de Pernambuco*, ano LXXI, n. 282, Recife, 8 de dezembro de 1895, p.3.

²⁵ Para entender melhor a polêmica ver o trabalho: VÉRAS, Rogério de Carvalho. *O arquiteto das orquídeas: trajetória e memória de George William Butler, médico e missionário protestante no Nordeste da aurora republicana (1883-1919)*. Tese (Doutorado em História). UNESP, Assis, 2018. Em específico o seu capítulo 2.

²⁶ CONGRESSO Católico. *Jornal de Recife*, Recife, ano XLV, nº 142, 26 de junho de 1902, p.1.

²⁷ LIGA Contra o Protestantismo. *Jornal de Recife*, Recife, ano XLV, n. 217, 24 de setembro de 1902, p. 2.

²⁸ CONTRA o protestantismo. *O Apóstolo*, Rio de Janeiro, ano XXIV, n. 139, 2 de dezembro de 1888, p. 3.

²⁹ PROPAGANDA Católica. *O Apóstolo*, Rio de Janeiro, ano XXV, n. 17, 13 de fevereiro de 1889. Seção de Notícias, p. 2.

³⁰ ANDRADE, José Joaquim Camelo de. Governo do Bispado (Sede Vacante): Carta Circular premunindo aos fiéis diocesanos contra propaganda protestantes. *Diário de Pernambuco*, Recife, ano LVI, n. 249, 28 de outubro de 1880, p. 1.

³¹ Aliado ao combate ao protestantismo o Congresso Católico organizado pelo bispado de Pernambuco sugeriu a articulação do clero com as questões sociais e a causas operarias, permitindo a organização da Confederação Operaria Cristã.

³² Albino Gonçalves Meira (Pilar, 10 de março de 1850 — Recife, 10 de junho de 1908) foi um político e escritor brasileiro. Foi nomeado presidente de Pernambuco em 1890, teve uma passagem breve pelo governo, deixando-o ainda no mesmo ano que assumiu o cargo, assim como seu sucessor, Ambrósio Machado da Cunha Cavalcanti. Disponível em: MEIRA, Albino Gonçalves. <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/MEIRA,AlbinoGonçalves.pdf>. Acesso em 22/06/2020.

³³ Trajano Alípio Temporal [Carvalho?] de Mendonça, Nasceu em Recife em 1863, se graduou na Faculdade de Direito do Recife, e, 1884. Se dedicou ao magistério, lecionando matemática e geometria por muitos anos. Para Gilberto Freire (2013, p. 55), um dos alunos de Dr. Trajano, o professor era considerado uma das "lentes de aritmética e álgebra". Entre os estabelecimentos de ensino em que professor se citam: Salesiano, Nóbrega, Liceu Pernambucano, Instituto Sete de Setembro, Prytaneo, Escola Normal Oficial e Ginásio de Pernambuco.

³⁴ POSIÇÃO falsa do malogrado Salomão entre nós. *A Província*, Recife, ano XXVI, n. 93, 26 de abril de 1903. Publicações Solicitadas, Suplemento, p. 7.

³⁵ LIGA contra o protestantismo. *A Província*, Recife, ano XXVI, n. 135, 16 de junho de 1903. Colunas Religiosa, p.1.

³⁶ Hermeto José Pinheiro (Traipu, 28 de agosto de 1870 — Uruguaiana, 3 de novembro de 1941) foi um bispo católico brasileiro. Foi o primeiro bispo de Uruguaiana. disponível em <http://www.catholic-hierarchy.org/bishop/bpinh.html>. Acesso em 22/06/2020.

³⁷ A LIGA contra o Protestantismo. *A Província*, Recife, ano XXV, n. 217, 24 de setembro de 1902, p. 1. Grifo nosso.

³⁸ EM ação. *A Província, Recife*, ano XXV, n. 221, 28 de setembro de 1902. Columnas Religiosas, p. 1.

³⁹ COMBATE ao Protestantismo. *A Província*, Recife, ano XXV, n. 246, 18 de outubro de 1902. Columna Religiosa, p.1

⁴⁰ *O EPISCOPADO Brasileiro ao clero e aos fiéis da Igreja do Brasil*. São Paulo: Typ. Salesiana a vapor do Lyceu Sagrado Coração, 1890, pp. 23-24.

⁴¹ A autora analisa o caso específico do jornal católico A Fé Christã, publicado na cidade alagoana de Penedo, entre os anos de 1902 a 1907. Cf; SANTOS, 2019, p. 50.

⁴² Atualmente nos estudos relacionados ao Direito Comparado utiliza-se o termo Discurso de ódio (em inglês *Hate Speech*) para indicar manifestações marcadas por discriminação e incitamento de violência contra pessoas ou grupos, com base em características ligadas: a raça, ao gênero, a etnia, a nacionalidade, a religião, a orientação sexual e etc. (Sarmiento, 2010, p. 208). Contudo, uso de tais expressões de ódio pelas Instituições Religiosas (no caso católica e protestantes) podem ser também compreendidas como uma ferramenta relacionada as disputas dos agentes sociais no campo religioso (Bourdieu, 2007, p. 179). Para o John R. Hall (2003, p. 382) os conflitos religiosos associam-se ao grau de mobilização pública e alianças institucionais desenvolvidas pelos agentes religiosos.

⁴³ Termo utilizado pelo clero católico desde a polêmica com Abreu e Lima, para indicar a adulteração de textos bíblicos pelos protestantes, em específico a exclusão de 7 livros em relação a versão Católica. cf. CÉSAR, 1983, p. 55.

⁴⁴ UM EVANGELISTA ao sr. Frei Celestino. *Jornal de Recife*, ano XLV, nº 220, Recife, 27 de setembro de 1902, p.2.

⁴⁵ PEDAVOLI, Celestino di fr. Carta aberta: ao ministro evangélico de Pernambuco. *A Província*, Recife, ano XXV, 221, 28 de setembro de 1902. Columnas Religiosas, p. 1.

⁴⁶ Até o momento tem poucas informações sobre a identidade desse missionário protestante. Sabe-se que ele era norte-americano e pertencia a Missão Batista Livre, uma dissidência do movimento Batista Regular Inglês no Século XVII, no qual seu fundador foi Thomas Helwys. Nos Estados Unidos, seus difusores foram Paul Palmer, 1727, na Carolina do Norte, e Benjamin Randall, em 1780, nas regiões do sul. Um dos principais pressupostos do movimento dos Batistas Livres é a defesa ao livre arbítrio é a liberdade de religiosa. cf. PICIRILLI, Robert. E. *Free Will Baptists: What's in Name?* Disponível em <https://fwbhistory.com/?p=516>. Acessado em 24/11/2020.

⁴⁷ Pierre Bourdieu denomina de *Capital Social* “o conjunto de recursos reais e potenciais que estão ligados à posse de uma rede de contatos durável de relacionamentos mais ou menos institucionalizados de familiaridade e reconhecimento mútuo, em outros termos, à vinculação a um grupo e união por ligações permanentes e úteis, em prol de um objetivo em comum”. Cf. BOURDIEU, Pierre. O capital social – notas provisórias. In: Catani; Nogueira, 1998, p. 67.

⁴⁸ GINSBURG, Salomão. Ao povo Pernambucano. *Jornal de Recife*, Recife, ano XLV, n. 242, 23 de outubro de 1902. A Questão Evangélica, p. 2. [grifo nosso]

⁴⁹ Idem.

⁵⁰ CONTRA as revoltantes injúrias assacada ao Briosso povo pernambucano pelo sr. Salomão. *A Província*, Recife, ano XXV, n. 247, 29 de outubro de 1902. Solene Protesto, p. 2.

⁵¹ Idem.

⁵² PEDAVOLI, Celestino fr. Amarga decepção salomônica. *A Província*, Recife, ano XXVI, n. 41, 20 de fevereiro 1903, Coluna religiosa, p. 1.

⁵³ PEDAVOLI, Celestino. A queima de bíblias. *A Província*, Recife, ano XXVI, nº 48, 1 de março de 1903. Coluna Religiosa, p. 1.

⁵⁴ CENSURÁVEL. *Jornal de Recife*, ano XLVI, nº 46, Recife, 27 de fevereiro de 1903, p. 1.

⁵⁵ GINSBURG, Salomão. Queima de Bíblias: as mentiras do Testa de Ferro. *Jornal do Recife*, Recife, ano XLVI, nº 54, 8 de março, Publicações solicitadas, p. 3.

⁵⁶ *Germano Hasslocher Filho* nasceu em Santa Cruz (RS) no dia 10 de julho de 1862, filho de Germano Hasslocher e de Marie Duran Hasslocher. Formou-se em Bacharel pela Faculdade de Direito de São Paulo, em 1883. Exerceu o cargo de promotor público de Porto Alegre, de 1891 e 1892. Em 1897 ingressou no Centro Literário de Porto Alegre. Membro do Partido Republicano Rio-grandense (PRR). Foi eleito no mesmo ano depurado estadual, deputado federal, por Rio Grande do Sul, entre os anos de 1900 a 1911. Além da vida política atuou também na imprensa, foi Redator-Chefe no *Jornal do Comercio*, de Porto Alegre, 1899, no periódico carioca *A Tribuna*, em 1901. Faleceu em Milão, Itália, em 7 de fevereiro de 1911. Disponível em <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/HASSLOCHER,Germano.pdf>. Acesso em 22/06/2020.

⁵⁷ CONGRESSO NACIONAL. *Anais da Camara dos Deputados*. vol. 4, Sessão em 25 de setembro de 1903, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1904, p. 488.

⁵⁸ Idem, p. 625.

Recebido em 23/08/2020

Aceito para publicação: 10/02/2021